

# GAZETA D'ANGEJA

(SEMANARIO)

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 12500, 8 mezes 15000, 4 mezes 500, Brazil 33000 reis. — Numero avulso no proprio dia 20 reis. Passado o dia 40 reis.

Redactores — RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO e A. LEÃO MARTINS

Administrador — SEBASTIÃO CORRÊA DA COSTA

## ANNUNCIOS E COMUNICADOS

Por linha, 40. Repetições, 20. — Os auct. assignantes tem 25 por cento de abatimento. Redacção — Rua dos Caldeiros, n.º 250

ANGEJA, 26 DE OUTUBRO DE 1887

## SUMMARIO

Expediente.  
Subscrição.  
Carta de Guimarães.  
A junta de parochia e o cemiterio em Angeja.  
A junta de parochia de Frossos e o engenheiro da 2.ª circumscripção hydraulica, ex.º sr. Adolpho Loureiro.  
Correspondencias.  
Noticiario.

## SCIENCIAS E LETTRAS

A Estatua (prosa) — João Chrysostomo.  
Confidencin (verso) — Alberto da Rocha.  
Crepusculo (soneto) — Francisco Campos.  
Os casamentos na Corúa (prosa).  
A meu pae (soneto) — Alfredo A. Santos.  
Junho, Julho, Agosto (prosa) — Jean Richepin.  
Aguas passadas (soneto) — Silvestre de Lima.  
\* \* \* (verso) — Manoel da Silva Gago.  
Horas vagas — Narciso d'Albuquerque.

## EXPEDIENTE

Pedimos a todos os nossos assignantes do concelho d'Aveiro a finessa de enviarem a importancia da sua assignatura á rua do Espirito Santo, n.º 26, ao ex.º sr. José Martins de Pinho, que faz a esta redacção o obsequio de alli receber o dinheiro; e aos nossos dignos assignantes do concelho d'Estarreja pedimos tambem o favor de enviarem o importe das suas assignaturas ao ex.º sr. Antonio Caetano Lopes da Fonseca, que de bom grado recebe essas importancias.

## SUBSCRIPÇÃO

A redacção d'este jornal resolvendo tomar a iniciativa da compra de candieiros para a illuminação publica de Angeja cuja falta se revela constantemente por actos inconvenientes e muitas vezes funestos, appella para o patriotismo dos filhos da nossa terra, residentes quer no Brazil quer em Lisboa, ou mesmo em Angeja, afim de que subscrevam para este melhoramento com a quantia que seja permittido ás forças de cada um.

## CARTA DE GUIMARÃES

Guimarães. — A estatua de D. Affonso Henriques. — A Penha. — A familia real. — Os festejos. — As illuminações.

A briosa cidade de Guimarães, já nobilitada pelos honrosos factos do passado,

acaba de pagar a divida de gratidão para com o fundador da monarchia.

Guimarães, o berço da monarchia, a patria de tantos heroes e o centro do grande commercio, a cidade da indole a mais leal, acaba de erigir a estatua de D. Affonso Henriques, o vulto grandioso de Ourique, glorificando assim a memoria do mais illustre dos seus filhos.

Mostrou ao paiz inteiro a generosidade da sua alma nobilissima e grata!

Engastou na sua corôa de gloria mais uma pedra preciosa d'um brilho deslumbrante!

Todos conhecem Guimarães e o monte da Penha, d'onde se destructa um dos mais bellos panoramas que a provincia do Minho apresenta. E' um local que faz nutrir desejos de viver alli eternamente.

Nada mais maravilhoso!

A patria de Affonso I abriu-se em entusiasmo, não se poupou a trabalhos para a inauguração da estatua do primeiro rei portuguez, honrada com a presença de SS. MM. e AA.

A's caldas das Tappas foram esperar a familia real: a camara municipal, commissão dos festejos e varios cavalheiros, sendo a carruagem real ladeada pelos snrs. José Martins de Queiroz, Gaspar Lindoso, Antonio Carneiro, Bernardino Rebelo, João Chrysostomo, Luiz Martins de Queiroz e Rodrigo Lobo, os quaes iam todos a cavallo.

Na real fabrica de Caneiros, os operarios e operarias estavam formadas; com uma bandeira e banda de musica, indo algumas encantadoras meninas offerecer a S. M. a rainha um formoso bouquet.

Guimarães recebeu a familia real d'um modo brillantissimo.

As ovações imponentes, o entusiasmo delirante e espontaneo com que foram recebidas as pessoas reaes, não é possível descrever se.

SS. MM. e AA. mostraram-se maravilhados e commovidos diante de tão ruidosas acclamações.

Desde a entrada na cidade até á igreja de Nossa Senhora da Oliveira, a familia real, passou debaixo d'uma chuva de flores e pombas com fitas azues.

Um verdadeiro delirio, uma entrada verdadeiramente triumphal!

Depois do «Te-Deum» dirigiram-se para o palacete do sr. conde de Margaride, onde houve recepção.

A sala em que se realisou esta cerimonia estava ricamente adornada. Cadeiras á Luiz XVI, reposteiros e sanefas de estofa granada e amarello. Duas figuras de biscuit representando «O primeiro beijo» estavam sobre elegantes columnas douradas, estylo Luiz XVI.

D'ahi foram, sempre no meio das maiores acclamações, para o campo de S. Francisco, a fim de inaugurar a estatua de D. Affonso Henriques, em cujo pedestal se lê:

«A D. Affonso Henriques a cidade de Guimarães e irmãos no Brazil.»

Aquelle campo offerecia um aspecto deslumbrante, onde cerca de dez mil pessoas soltaram repetidos vivas á familia real.

Na occasião em que el-rei se dirigia para a estatua afim de a descobrir, um individuo despiu a casaca, e estendeu-a no solo. O mesmo fizeram tambem dois individuos, cujos nomes ignoramos, quando SS. MM. e AA. entraram na igreja matriz.

Então subiram ao ar innumerous foguetes 12 bandas de musica entoam o hymno real e os sinos repicam, a ovação foi tão imponente, tão assombrosa que S. M. el-rei chorou!

Nunca a familia real portugueza terá tão calorosa e espontanea acclamação.

Uma menina de nome Palmira Henriques, entregou á rainha um lindissimo bouquet, e uma outra uma pasta de setim azul e branco contendo um numero unico do jornal «Apotheose» commemorativo d'aquelle solemnidade. A rainha e a princeza beijaram as creanças affectuosamente.

Seguiram depois para a sociedade Martins Sarmiento onde examinaram a collecção de numismatica e o muzeu archeologico.

Terminada esta visita dirigiram se para o Campo do Proposto, inaugurando a escola professional de cutilaria e tecelagem. Ah! foi de novo victoriada freneticamente a familia real.

O banquete real offerecido por o sr. conde de Margaride era apenas destinado ás pessoas reaes, sua comitiva, alguns titulares e principaes auctoridades, presidentes do conselho de ministros e governador civil de Braga.

No asylo de Santa Estephania realisou-se um banquete de 100 talheres offerecido á imprensa pela commissão dos festejos.

Presidiu o sr. conselheiro Emygdio Navarro que brindou á cidade de Guimarães, berço de sua mãe.

A' noute sahii a familia real a ver as illuminações que eram surprehendentes, maravilhosas.

O monte da Penha tinha uma illuminação magestosa.

Na rua de S. Damazo havia um arco triumphal, em cujas columnas se liam os seguintes versos de Luiz de Camões:

Pois, se a troco de Carlos, rei de França,  
Ou de Cesar quereis igual memoria,  
Vêde o primeiro Affonso, cuja lança  
Escura faz extranha qualquer gloria.

Por isso vós, o Rei, que por divino  
Conselho estaes no regio solio posto  
Olhai que sois (e vêde as outras gentes)  
Senhor só de vassallos excellentes.

## A junta de parochia e o cemiterio em Angeja

Em terras pequenas onde as forças são poucas e as influencias politicas por via de regra não se fazem ouvir lá no alto, achamos sempre prejudicial que, quando se pretendam melhoramentos, se deixem assaltar por todos os preconceitos de desconfiança d'uns para com outros, dando-lhes incremento pela intriga não se unam, reconhecendo todos por bandeira commum aquella que mais se coaduna com o progresso d'essas localidades. E' sempre um erro, muitas vezes funesto, haver divisões e caprichos quando se trata de melhorar essas terras. Fora d'isso, cada um está no seu plenissimo direito de seguir o norte que quizer e entender sem que por isso mereça a nossa censura. E' porisso que nas coisas que dizem respeito a Angeja desejavamos ver todos em concordancia

porque d'isso aufeririam bons resultados, seguindo muito embora nas questões externas o caminho da sympathia de cada um. Desjavamos que todos dessem provas de que, em Angeja, só desejam o seu progresso.

Na questão do cemiterio tem havido muitas divergencias, caprichos, politica até, intrigas e erros de parte a parte, sendo, como já no outro dia dissemos, os ultimos erros da actual junta. Isto é que ninguém contradis, porque é do dominio de todos.

E se a junta de parochia tem a comprehensão do seu erro, impedindo a construcção do cemiterio, promova quanto antes, cumprindo assim o que prometeu, em plena sessão, pela bocca do seu presidente, satisfazendo por essa forma o desejo de todos quantos se dizem filhos d'Angeja. Concordem que mais demoras, é augmentar a nossa vergonha. Já que o novo codigo administrativo não permite á junta aproveitar o subsidio anteriormente votado para esse fim, aproveitem os quinhentos e tantos mil reis que ha em depósito para o cemiterio, bem como as importantissimas quantias com que alguns filhos d'esta terra se dignam subscrever.

Vae até onde chegar e depois se fará o resto.

E' esse o seu dever e para isso chamamos a sua attenção e a de todos.

Da nossa parte cumprimos o nosso dever não abandonando este assumpto.

## A Junta de Parochia de Frossos e o engenheiro da 2.ª circumscripção hydraulica, ex.º sr. Adolpho Loureiro.

A Junta de Parochia de Frossos representou ao ex.º sr. Adolpho Loureiro, engenheiro da 2.ª circumscripção hydraulica, afim de que sua ex.ª mandasse tapar uma quebrada na margem direita do Vouga, no limite do terreno de Frossos, pela qual este rio, mesmo com pequenissimas enchentes, inundava com agua e aréa um vasto campo, relativamente baixo, pertencente ás freguezias de Frossos e Angeja. O sr. Adolpho Loureiro informado da justiça do pedido, ordenou que fosse immediatamente satisfeito o pedido da junta o que logo foi cumprido. Sua ex.ª tendo conhecimento da posição d'aquelle campo com relação ao Vouga, officiou á junta de parochia de Frossos dizendo-lhe que attendia a todas as suas reclamações no sentido de beneficiar aquelles povos e que tencionava mesmo mandar construir um paredão na dita margem do Vouga, na extensão d'aquelle campo, protegendo-o das enchentes do rio e dos soremamentos.

A junta satisfeitissima com os intuitos d'aquelle cavalheiro, propoz e foi approved por unanimidade na primeira sessão, um voto de agradecimento a sua ex.ª

A junta aproveitando os importantes serviços do sr. Adolpho Loureiro, está resolvida a coadjuval-o n'este melhoramento tanto quanto lhe seja possivel. E' para louvar esta attitudé da junta, á frente da qual se acham como presidente e secretario os nossos verdadeiros amigos, rev. prior da freguezia, Antonio d'Almeida Valente e Antonio Rodrigues Castanheira.

E o sr. Adolpho Loureiro promovendo esta obra faz um serviço importantissimo

a Frossos, Angeja e mesmo S. João de Soure, porque este campo é commum a todas estas terras. E para comprehender-se a importancia d'isto e até da urgencia, basta notar-se que o bem ou mal estar de Frossos depende directamente do estado d'este campo, que com aquelle melhora-mento se pode transformar n'um manancial de riqueza, sendo a agua alli introduzida, dominada e dirigida, em occasião conveniente, a bel prazer d'estes povos, auferindo assim umas colheitas abundan-tissimas de milho, feijão, arróz.

A não ser assim, Frossos principalmen-te já pobrissima devido ás condições em que se acha o campo, terá de morrer de fome ou emigrar, procurando o pão em terras longiquas.

## Correspondencias

Albergaria, 24 de outubro de 1887

Chegou finalmente o frio.

Não obstante os dias se apresentarem bonitos, com um sol esplendido, um ver-dadeiro sol primaveral, é certo que as noi-tes vão-se tornando um pouco friotas, o que obriga a pobre humanidade, que ha-bita estas paragens, a munir-se tanto quanto possível das competentes mantas de lã, para assim poder resistir ao dito.

—Acaba de partir para Ovar, para onde foi ultimamente transferido, o nosso amigo, o snr. Manoel Neves Ribeiro, dignissimo escrivão de fazenda, cargo que exerceu n'este concelho a contento de todos.

E' que o snr. Ribeiro é um empregado distincto, perfeitamente conhecedor dos seus deveres, com longa pratica do servi-ço, e o que é mais — um cavalheiro illus-trado que a todos captivava com o seu trato franco e lhano, razão porque deixa profundas saudades n'esta villa.

Aos ovarenses damos parabens por terem entre si um tal empregado e tão perfeito cavalheiro.

—Tomou posse ha dias da repartição de fazenda do concelho o novo escrivão, o snr. João Joaquim Machado Junior, que nos parece um bom empregado e cavalheiro de maneiras affaveis, pelo que é d'esperar que em breve consiga geraes sympathias.

—Tem passado bastante mal com uma febre tifoide a ex.<sup>ma</sup> esposa do nosso amigo o snr. Francisco Marques de Lemos, habil pharmaceutico d'esta villa.

Desejamos-lhe prompto restabelecimento.

—Acha-se na Costa da Torreira a uso de banhos o nosso amigo o snr. Victor, digno commissario de policia de Beja, e cavalheiro muito sympathico, bem como sua ex.<sup>ma</sup> esposa e cunhada a ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Rosa da Conceição Miranda.

Que se divirtam muito e regressem de perfeita saude, é o que desejamos.

—Partiu ha dias para Coimbra o nosso querido amigo Francisco de Miranda, afim de continuar a cursar a faculdade de di-reito.

—Consta que vai ser nomeado secreta-rio de matrizes para uma das freguezias do districto do Porto, o nosso amigo snr. José Augusto d'Almeida Miranda, rapaz habil e intelligente.

O snr. Miranda exerceu n'uma das fre-guezias do concelho igual cargo, e, sem receio de desmentido, podemos affirmar que o nosso amigo foi um dos melhores secretarios, pelo que os seus serviços fo-ram justamente apreciados nas estações competentes.

Estamos certos que ha de merecer justos encomios da parte do snr. conse-lheiro inspector do districto do Porto, bem como do respectivo escrivão de fazenda, sob cujas ordens immediatas fôr servir, quando entrar no exercicio das suas func-ções.

E visto não haver mais nada, au revoir.

A.

## Noticiario

**Julz de paz em Angeja.**—E' no dia 6 de novembro esta eleição. Propõe-se

para juiz effectivo o nosso vereador, o snr. João da Silva Maio. Aconselhamos a todos os nossos correligionarios toda a união que a lealdade partidaria reclamava. Sendo o snr. João Maio um dos homens que mais tem trabalhado para a remodelação politica em Angeja e tendo feito isto com o fim de concorrer para o melhora-mento da terra, estamos certos que empre-gará todos os esforços para se desempe-nhar dignamente da missão de que se en-carrega. E sendo assim terá o nosso aplauso.

Como se está nas proximidades da elei-ção de juiz de paz, pela sua criação n'esta freguezia, lembramos a necessidade de haver de parte a parte o maior escrupulo na formação da lista, já com respeito ao juiz, e já mesmo com respeito aos seus substitutos; e isto para que de futuro se não deem os escandalos, que se davam no tempo dos juizes eleitos: pois a darem-se, de nenhuma vantagem para a fregue-zia será a criação d'este julgado.

**Snr. regedor de parochia.**— Para bem da moral publica é preciso que v. s.<sup>a</sup> não perca de vista um figurão com o nome de José Borga que, de casa ás costas, vastas vezes por aqui costuma ap-parecer; e que depois de se encardinar com o roxo... nos templos de Baccho, entende intrometer-se com todos, insultando com a peçonha d'uma lingua vipe-rina, publicamente, pessoas serias e graves, e menoscabando com a sua costumada maledicencia a reputação alheia no meio das ruas publicas: para evitar maio-res males, bom será que v. exc.<sup>a</sup> uze com elle das obras de misericordia, recolhendo o ao hospicio da rainha D. Thereza em Albergaria, até que o alcool o dezfume; e pode ser, que tome juizo.

**Que indolentes.**— O prazo dado ao empreiteiro das obras da igreja para a conclusão d'ellas, termina no dia 31 d'este mez, e achando-se a igreja no deplora-vel estado, em que se acha pelo abando das obras, que tenciona fazer a jun-ta de parochia?

Abraçadinha a seus vaidosos caprichos e melindres continuará dormindo o somno do desmazelo, embalada, pela indifferen-ça! Estamos para ver isso; e depois não chiem.

**Parabens.**—Receba-os o nosso con-terraneo e amigo padre Nogueira Simões de Moura, que segundo nos diz pessoa fi-dedigna, tem experimentado melhoras con-sideraveis na Torreira, onde se acha a banhos.

**Por causa d'uma cancella.**— No dia 19 d'este mez, no montado d'esta freguezia d'Angeja, e sitio da Fontinha, os «Bogas-Pintos», pae, mãe e filho, morado-res ali, e á maneira de selvagens, consi-derando-se prepotentes dominadores d'a-quella área de montado, travaram-se de razões com Antonio Nunes Alves e sua mulher Anna Simões Capella, que deffen-diam os seus direitos de propriedade; de maneira, que de palavras, desceram a ac-ções de facto, e os dois seriam victimas dos Tugues, se um caçador, que n'uma colina proxima andava á caça da perdiz, ao ouvir o sgritos de socorro não dispa-rasse um tiro, como signal de prompto socorro; em virtude do que os aggresso-res deixando bastante molestados os seus contendores, receosos, foram-se todos tres encastellar na sua fortaleza.

**Melhoras.**—Tem-n'as, segundo consta, a exc.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Emilia Souto Alves, que se acha na praia da Torreira, a uso de banhos, em companhia de sua exc.<sup>ma</sup> familia. Os nossos sinceros parabens.

**E' celebre!**—Até á data em que escrevo, ninguem se accusou de ter achado o empreiteiro das obras da igreja. Pro-curem, que além das alviçaras dar-se-ha um doce, para quem tiver amargos de bocca.

**Conselheiro José Luciano de Castro.**—Consta-nos que a colonia do districto de Aveiro, residente no Porto, deseja offerecer um jantar ao honrado chefe do partido progressista. E' mais um

testemunho de admiração que os aveiren-ses querem dar ao filho mais illustre do nosso districto, ao trabalhador incansavel que tem posto a sua vida ao serviço do paiz e que é hoje a primeira individualidade da politica portugueza.

Na Oliveirinha, seu mano, o snr. Fran-cisco de Castro, tambem tenciona offerecer-lhe um jantar e a sua ex.<sup>ma</sup> familia.

**Melhoramentos em Espinho.**—Foi o nosso particular amigo, o snr. Thomaz Cardoso, distincto conductor de obras publicas, que em setembro ultimo tirou o projecto do prolongamento da rua Bandeira de Mello, da avenida e praça municipal que a camara da Villa da Feira tenciona fazer em Espinho.

O nosso amigo Thomaz Cardoso, rapaz sympathico, cheio de vida e intelligente findou este anno o seu curso no Instituto do Porto. A sua escolha para ir tirar estes projectos de tanta importancia e escrupulo mostram bem o quanto são considerados os seus trabalhos e por tanto a sua apti-dão. Disse-nos ha dias que, conseguidos estes melhoramentos, Espinho augmenta 60 por cento nas suas commodidades, mo-vimento e belleza.

A iniciativa d'estas obras pertence ao snr. dr. Roberto Alves, presidente da ca-mara da Villa da Feira.

**Dr. Agostinho de Souza.**—Este cavalheiro chegou ha dias ao Porto, vindo de Paris, onde foi estudar junto dos maio-res notabilidades francezas algumas ques-tões importantes de medicina. A reputa-ção scientifica de sua ex.<sup>a</sup> é tal, embora saído ha dois ou tres annos da Eschola, que, durante a sua estada na capital da França, alguns jornaes d'alli e mesmo al-guns correspondentes de jornaes portu-guezes, se referiram a elle com bastante louvor. Como estudante foi o mais pre-miado que modernamente tem sahido da eschola medica do Porto. Consinta-nos a modestia de sua ex.<sup>a</sup> estas expressões de verdade.

Para o anno seguinte tenciona ir estar mais alguns mezes em Paris e proseguir nos seus estudos, pondo se verdadeira-mente a par da sciencia n'aquelle grande mundo.

**Dr. Augusto de Castro.**—Com sua ex.<sup>a</sup> a Aveiro, quando fôr a familia real, vae tambem sua ex.<sup>ma</sup> esposa, a snr.<sup>a</sup> D. Isabel Maria Sampaio de Castro Corte Real.

**Real visita a Aveiro.**—E' sexta-feira, 28, de manhã, o dia marcado para a ida de suas magestades e altezas a Aveiro. Consta que ficam alli para o sab-bado.

**Partida.**—Partiu no domingo ultimo para Lisboa afim de seguir para Amazonas (Brazil) o nosso sympathico amigo João Moreira Lopes, que ha mezes se achava no Porto.

Consta-nos que s. exc.<sup>a</sup> vae liquidar o seu negocio e brevemente regressará á sua patria.

Que faça uma boa viagem é o que do coração lhe desejamos.

**Felicitação.**—Felicítamos o nosso querido collega a «Folha d'Elvas» que en-trou no segundo anno de publicação.

**«A Apotheose».**—E' o titulo d'um jornal commemorativo da inauguração da estatua de D. Alfonso Henriques que se publicou em Guimarães, sob a direcção litteraria do distincto escriptor vimaranen-se, snr. Domingos Guimarães.

Esta magnifica publicação, homenagem ao grande heroe de Ourique, é collaborada esplendidamente pelos ex.<sup>mos</sup> snrs.:

D. Virginia d'Abreu, Antonio Vieira de Andrade, J. A., Theophilo Braga, Alberto Bramão, Bráulio Caldas, Pereira Caldas, Alfredo Campos, Eduardo Carvalho, Joaquim Martins de Carvalho, João Chrysostomo, Alberto Corrêa, D. Antonio da Costa, Azevedo Coutinho, João de Deus, Silva Ferraz, Antonio Fogaça, Custodio Freitas, dr. Ave-lino Guimarães, Custodio Guimarães, Luiz Guimarães, Narciso de Lacerda, Gomes Leal, Bernardo Lucas, M. M., Julio Cesar Machado, Conde de Margaride, M. M. Mar-tins, Alves Matheus, Alvaro Mendes, D. Ali-

ce, Moderno, Manoel de Moura, V. Novaes, A. P., D. Albertina Paraizo, Padre Abilio Passos, Bulhão Pato, Padre F. J. Patricio, Gaspar Paul, Firmino Pereira, Eduardo Pi-menta, J. Pinheiro, João Pinto, dr. José Sampaio, Francisco Martins Sarmento, Ar-thur Soares, D. Guiomar Torrezão, Leite Vasconcellos, Henrique Zeferino.

Como os nossos leitores veem é distincta a collaboração e o preço—120 reis—ex-tremamente modico.

Recommendamos o annuncio.

**«O Galato».**—Com este titulo come-çou a publicar-se no Porto um quinzena-rio litterario. Assigna-se na rua do Alma-da, 399.

**Justissimo.**—Foi confirmado pelo tribunal da Relação do Porto o despacho que pronunciou sem fiança o raptor da fi-lha do opulento industrial snr. Pereira Magalhães.

**Barateza.**—Na feira mensal da Oli-veirinha de Outubro o gado bovino e sui-no esteve por um preço muito desfavora-vel para o creador; vendeu-se o bovino para o corte por um preço, que correspondia a 1\$300 réis a arroba; está por menos da metade do seu valor, que estava ha qua-tro ou cinco annos. E qual será a razão, porque o consumidor nos talhos paga a carne de vaca tão cara? será por causa dos direitos impostos a este genero de consumo? mas no tempo em que o gado era caro, estes direitos já se pagavam!...

**Enorme incendio.**—Agueda, 23. —Na noite de quarta para quinta-feira, houve um grande incendio na Pocariça, em casa do snr. commendador José Maria Pessoa. Eram 3 horas da manhã quando um homem, que passava para a feira de Cantanhede, deu por o fogo, gritando que accudissem. Na casa, onde lavrava o in-cendio, dormiam os caixeiros e creados do snr. Pessoa, que, se não fossem accudir-lhes a tempo, morreriam fatalmente quei-mados porque ainda não tinham dado pelo fogo. Suppõe-se que fossem ratos que dei-tassem abaixo das prateleiras alguma cai-xa de phosphoros que se inflamaram o que deu causa ao incendio. Juntou-se muita gente, mas nada poderam fazer porque o incendio tomou repentinamente proporções assustadoras! Quando o fogo se communi-cou a umas barricas de petroleo, foi tal o estampido que muita gente fugiu assusta-da.

O espectáculo causava horror! Calculam-se em 12:000\$000 reis os pre-juizos, estando o estabelecimento apenas o seguro em 4 contos. No estabelecimen-to havia muito dinheiro, muitos objectos de ouro e prata alli depositados e papeis de subida importancia, que tudo foi con-sumido no incendio. Felizmente não ha vic-timas a lamentar.

O snr. commendador Pessoa tinha ido passar alguns dias ao Porto, onde se achava na occasião do incendio.

**Vinho bom e barato.**—No conce-lho d'Agueda tem-se vendido vinho a 800 reis cada duplo decalitre. Este é o preço maior que os lavradores tem obtido, tendo muitos vendido a 600 e 700 reis.

**Casamento auspicioso.**—Sabbado, casou pela terceira vez, na freguezia da Lama, concelho de Santo Thyrsó, Ma-ria da Conceição, já bastante idosa, e que, haverá 3 mezes, ficou viuva d'um velhi-nho, de quem herdou mais de 200\$000 reis.

O noivo chama-se Manuel da Costa; é muito velho e viuvo; tem uma pequena fortuna, que fez com que elle, mesmo no inverno da vida, podesse contrahir segun-des nupcias.

No dia do casamento, a noiva passou a noite em sua casa, no logar do Monte, da freguezia da Lama, e o noivo, seguindo á risca o exemplo da consorte, tambem não quiz abandonar o seu querido lar, e con-tinuou a dormir na sua casa, que é no lo-gar de Leigal, d'aquella freguezia.

Houve furiosas serenatas de chocalhos e panellas velhas, á porta da casa de ca-da um dos noivos.

SCIENCIAS E LETTRAS

A ESTATUA

Que se abata o sol; que nunca mais atrapasse o occaso para nos vir olhar alegremente, porque nós já não precisamos d'elle.

Os heroes illuminam, e a luz é um sorrir entre as trevas. Se ella não nos aquece os corpos regelados, reanimamo-nos n'alma, e a alma é tudo. Se o coração é o tumulo das illusões que nos deixam enganosamente, tambem é o monumento das tradições que nunca morrem.

O bronze não é o cadaver d'um mutismo, é a vida d'uma linguagem silenciosa.

(Da «Apotheose»).

João Chrysostomo.

CONFIDENCIA

Eu sinto que é mortal a dôr que me atormenta, Que nunca um tenue raio d'amor e de ventura Virá dulci ficar-me esta tristeza lenta, Que afunda pouco a pouco a minha sepultura.

Ninguém percebe a forte e grande tempestade Que em minh'alma febril s'extorce a cada instante; Ninguém conhece o horror— a eterna soledade Do meu viver cruel, tristonho e flagellante.

Ninguém! Ninguém conhece o meu atroz destino N'este abysmo fatal denominado «mundo», Nem sabe o que é ter só na mocidade um hymno D'implacavel tristeza e de pezar profundo.

E tudo isto por quê?... Por Ella não sentir No virgem coração um meigo affecto ardente Que seja igual ao meu; por não retribuir O meu amor tão grande, puro e persistente.

II

Oh! é horrivel é! E adoro-a! Podem crer Que n'este mundo vil unicamente queria O amor d'essa mulher?!... A riqueza, o futuro, emfim tudo daria P'ra ter o seu affecto ameno e carinhoso... A sua idolatria... A vida perderia estoico e venturoso, Se nos labios lhe visse a limpidez d'um riso Alegre e bonançoso...

Sentiria em minh'alma um doce paraizo Se um dia o seu olhar baixasse sobre o meu... Mas isto é um sonho bom... um sonho que idealiso! Terei somente o Inferno, em vez de ter o Ceu!...

No leito da dôr.

Alberto da Rocha.

CREPUSCULO

(Ao meu amigo Antonio Noya e Silva)

Nem o dia de todo era acabado nem a sombra da noite reinava inda: era a essa hora que n'um ap'ca linda, e nos deixa n'um extasi sagrado.

Era a essa hora em que, saudade infinda, nós revemos o livro do passado, ou negro qual carvão, ou tão dourado como os clarões d'aurora em manhã linda.

Era na hora, emfim, crepuscular. Algumas nuvens negras, ao passar, lançaram sobre a terra uma chuvinha

fria como os Alpinos brancos gélos. E na janella, vis à vis eo'a minha, ella sonhava, soltar os cahellos.

Outubro, 1887.

Francisco Campos.

OS CASAMENTOS NA CORÉA

A cerimonia do casamento na Coréa é digna de ser conhecida pela sua originalidade.

No dia fixado para a cerimonia a noiva deve dirigir-se a casa do seu escolhido. Antes d'abandonar o lar paterno cobre-se com uma ampla tunica branca, em que ha tres orificios, dois dos quaes correspondem aos olhos e o terceiro á bocca.

Feita esta toilette, sobe para uma liteira hermeticamente tapada com pannos de diversas cores.

Rodeiam a liteira varias raparigas vestidas de branco, levando sobre as cabeças grandes vazos de porcelana e executando no trajecto, danças originalissimas.

O cortejo avança lentamente. Quando chega a casa do noivo, a noiva desce do palanquim e offerece varias golozeimas ás suas compaheiras.

Ao transportar os humbraes da casa do seu escolhido, assenta-se em frente d'este e recebe um copo vasio, que lhe offerecem. As pessoas da familia entoam canções monotonas.

Findos os descantes acerca-se da noiva uma mulher, e vasa-lhe na taça uma bebida espirituosa. Ella sorve uns golos e passa o copo ao noivo, que faz outro tanto. Desde aquelle instante fica effectuado o casamento. Os paes dos jovens esposos despojam-os dos vestidos, guardando as precisas conveniencias, e conduzem-os á alcova nupcial, onde ficam encerrados pelo espaço de tres dias. Os creados que lhes levam os alimentos só entram no quarto ás horas das refeições.

Ao cabo do terceiro dia a recém-casada abandona o tecto conjugal e volta ao lar paterno onde permanece cem dias e cem noites. Quando este praso expira, regressa a casa do marido, considerando-se então como definitivamente contrahido o casamento.

Muitas vezes acontece que passados os cem dias do estylo, o esposo cruel tem Arrependeu-se.

A MEU PAE

A. J. O. S.

Na ampulheta de tua vida trabalhosa, Cincoenta e um inverno hão passado Sem te deixarem ferido nem caugado Para lucta mais terrivel, mas honrosa.

A tua fronte altiva, bella e formosa Q'um sol tropical vinte annos ha queimado, E' mais que provas, cré, é um attestado De tua vida de fadigas e bulçosa.

E' tempo porém, de parares na carretra Que de neve teus cabellos quer cobrir, E em paternal e tranquillã lareira

Em socego o premio do trabalho fruir. E' tempo; A vida, é nuvem passageira Que um sopro basta e chega, para partir.

Pará, 17—9—87.

Alfredo A. Santos.

JUNHO, JULHO, AGOSTO

(A COQUELIN CADET)

Amai-vos uns aos outros Novo testamento.

Era um egoista meticuloso. Usava flanela e cautchouc, seguia um regimen determinado, purgava-se em epoca fixa, fazia tudo por conta, pezo e medida, e a sua vida era regrada como um papel de musica.

Sabia de cór os preceitos da escola de Salerno, tinha como palavras do Evangelho os adagios populares que têm relação com a saúde.

Nada de parentescos prejudiciaes, nada de ligações embaraçadoras. De amizade e camaradagem só adoptava o necessario para tornar alegre a sua existencia. Teria sacrificado o mundo inteiro ao seu conforto.

Um dia, comtudo, foi obrigado a romper com os seus queridos costumes. Uma avultada herança a receber chamava-o á America. Não havia que hesitar. Era um pequeno mal para um grande bem Graças a uma mudança e alguns dissabores, de resto pouco importantes, ganhava de repente com que dar um tratamento de rei ao seu egoismo.

Embarcou, mas não sem se ter munido de tudo que pudesse tornar menos penosa a viagem: provisões de gulodice, pharmacia d'algibeira, cinto hypogastrico contra o enjôo do mar, aparelho de salvção em caso de tempestade. Apesar de tudo não foi feliz.

As provisões foram avariadas pelo bôlôr, a pharmacia quebrada por um balanço brusco, e o cinto facilitava os vomitos. Só o aparelho de salvção foi util no regresso.

Naufragaram com effeito. Quasi ao chegar ao porto, o navio bateu contra um escolho e sossobrou.

Mas levou um quarto de hora a submergir-se e o nosso homem teve tempo de armar-se contra o mar. Vestiu o seu costume de guttapercha, soprou-lhe o sufficiente para fazer d'elle uma bexiga e conseguiu boiar.

Um companheiro d'infortunio a quem elle no navio tratava como amigo, quiz agarrar-se a elle: repelli-o com indignação.

Uma pobre mãe, que levantava acima das ondas uma creança de peito, estendeu-lha para que lh'a salvasse e desappareceu, engulida por uma vaga: elle pegou na creança e deixou-a cair de novo depois de se ter apoderado do seu biberon.

Tornara-se feroz para salvar a sua preciosa pelle. Custou-lhe a salva-la. Levado para o largo pela ressaca, via a terra sem poder approximar-se d'ella. Batido pelos ventos e marés, defendeu-se durante dois dias contra as vagas.

O sangue subira-lhe á cabeça. Tinha o estomago vasio, febre no pulso, os membros entorpecidos pelo frio. Outro, menos tenaz, teria esvasiado o aparelho e deixar-se-hia afogar antes que soffrer as torturas por que passou. Mas elle teve a coragem do seu egoismo e não quiz renunciar á vida.

Emfim pôde ser arremessado á praia. Extenuado, moribundo, agarrou-se ao rochedo com mãos aduncas, e reuniu todas as suas forças para gritar por soccorro. Era noite. Ninguém vinha.

—Ai! pensava elle, agora que poderia ser salvo, vou morrer aqui? Ah! se tivesse força para me arrastar até áquellas casinhas onde a minha voz não chega! Ah! se pudesse comer um pouco, ao menos! recuperava as forças.

Como chorava de raiva e de fraqueza, os seus dedos encontraram sobre o rochedo marisco, mexilhões, ostras.

A fome dá vigor. Teve energia bastante para os arrancar e abrir. Era o soccorro pedido. era a força, era a vida.

Prudentemente, sensatamente, com temperança, comeu a carne saborosa e pôde alimentar-se.

Assim confortado, começou de novo a gritar. D'esta vez a sua voz mais sonora foi ouvida. Uns pescadores vieram buscá-lo, e dentro em pouco foi installado n'uma boa cama, proximo d'uma fogueira. Deram-lhe a beber um cordial que acabou de reanimal-o.

Estava salvo!!!

De repente uma dôr atroz apagou-lhe o sorriso dos labios. Os olhos voltaram-se-lhe, os membros contrahiram-se-lhe. Uma cainbra d'estomago, seguida d'uma colica, abalou-lhe o corpo todo. Tinha fogo nos intestinos, e o ventre estava como que contorcido.

Chamaram um velho medico das vizinhanças.

Entre os suspiros, o ranger de dentes, os sobresaltos, o doente contou o seu

naufragio e as suas quarenta e oito horas passadas sem alimento, na agua glacial.

—Não foi isso, diz o pratico. vejamos: tomou alguma coisa desde que aqui está?

—Demos-lhe um pouco de rhum em caldo de couves, interromperam os pescadores.

—Não é preciso mais nada. Ora eis um caso curioso. E' um caso verdadeiramente extravagante.

—O que? O que? murmurou o doente, presa do terror da morte.

Mas o medico não lhe respondia, e absorto no seu pensamento, murmurou por entre dentes:

—Já vi afogados por asphyxia, mas é a primeira vez que vejo afogados por envenenamento.

—Por envenenamento! gritou o nosso homem. Por envenenamento! Ah! percebo. Em que mez estamos?

—Em junho.

—Como aterrado por esta resposta, começou a deitar sangue pela bocca. Eram os arrancos da agonía!

E tomaram nos suspiros do esterior o dicto incomprehensivel que elle pronunciou ao morrer:

Em junho, julho e agosto, ouves? Nem ostras, nem mulheres, nem couves.

Jean Richepin.

AGUAS PASSADAS

O amôr, que é a treva da nossa vida, Que é o fructo e a um tempo a flor d'este deserto, O eterno Amôr, o Amôr profundo, certo, Não é nem foi o amôr que me trucidou.

Senão, que o digas tu, ó margarida, E tu, Leonora, o tu, que vais mais perto, Mais doce o olhar, mais calmo o seio aberto, —Valle tranquillo que a sonhar convida.

Amôr! clarões de sol com que me abrazas A alma, talvez, na minha noite escura Todas passaram sacudindo as azas...

Todas! E enquanto alem, na estrada enfinda Ligo-as, na magua atroz que me tortura Sei que as amava e amal-as penso ainda.

Rio de Janeiro.

Silvestre de Lima.

\*\*\*

Quiz escrever o teu nome sobre a areia fugidia: o vento passou, levou-me as cinco letras — Maria!

Assim meu nome, gravado no teu fragil pensamento, foi para sempre apagado pela mão do esquecimento.

Manoel da Silva Gayer.

HORAS VAGAS

CHARADA

(A SEBASTIÃO CORREIA DA COSTA)

Tem graça! Foi da primeira — 3 Que a segunda se formou — 1 Sendo o todo animal Mais indícios não lhe dou.

Porto.

Narcizo d'Albuquerque.

CHARADA NOVISSIMA

1869 — 14 d'outubro — 1887

Ao anniversario natalicio do eximio charadista e assiduo collaborador d'esto jornal,

Narcizo d'Albuquerque

2 — 1 Cidade e terras é o que dou.

Porto.

A. Pinheiro.

**ANUNCIOS**

**PROFESSOR**

Offerece-se um com longa pratica de Francez, Introducção e Mathematica, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anno.

Toma conta de lições particulares, indo aos domicilios e tambem lecciona em collegios.

Dirigir carta com as iniciaes A. M., a esta redacção, rua dos Caldeireiros, 250—Porto.

**A APOTHEOSE**

JORNAL UNICO COMMEMORATIVO DA INAUGURAÇÃO DA ESTATUA DE D. AFFONSO HENRIQUES

Edição de luxo. Esta magnifica publicacão, sob a direcção litteraria do sr. Domingos Guimarães, encontra-se á venda no Porto, na redacção do «Commercio Portuguez» e livraria Lello; em Guimarães, em casa do sr. Domingos Fernandes Guimarães, 70, Toural.

Envia-se a quem mandar a importancia — 120 reis — em estampilhas.

**AGENCIA COMMERCIAL NO PORTO**

PROPRIETARIOS

**MAYA & C.<sup>A</sup>**

GERENTE

**José Antonio Pereira Maya**

81, Rua de Bellomonte, 83

**PORTO**

Encarrega-se da collocacão de capitaes. Compra e venda de predios, e de papeis de credito; emprestimos sobre hypothecas.

Encarrega-se da cobranca de dividas, tanto n'esta cidade como fóra do Porto. Liquidam-se heranças, trata-se de inventarios, justificações, habilitações, execuções, embargos, arrestos, recursos de recrutamento, appellações, agravos, e recursos de revista, e de todas as acções commerciaes, civeis ou criminaes; e solicitam-se todos os negocios forenses e de justiça, e dependencias de todos os tribunaes, repartições e secretarias do Porto e Lisboa.

DEPOSITO DE VINHOS DO PORTO

**CASA DE VILLAR D'ALLEN**

237, Rua de Sá da Bandeira, 239

VINHOS DE DIFFERENTES IDADES

300, 400, 500, 600 e 700 reis a garrafa

VINHOS DE COLHEITAS ESPECIAES

800, 900, 15000, 15200, 15500, 15800, 25000 e 35800 a garrafa

**MALVAZIA, MOSCATEL, BASTARDO E MOURISCO**

Douro Clarete, 160 reis a garrafa

OS PREÇOS SUPRA INCLUEM A GARRAFA

VINHOS DA UNIÃO VINICOLA PORTUGUEZA

Douro, sobremeza.....	(garrafa) réis	220
Douro, sobremeza, secco.....	»	200
Douro, meza, claro.....	»	160
Douro, meza, secco.....	»	140
Douro, natural.....	»	100
Vinho alimentar.....	»	80
Minho clarete.....	»	80

PREÇO SEM GARRAFA

237—Rua do Sá da Bandeira—239

**JORNAL DAS SENHORAS**

FOLHA LITTERARIA, MENSAL

DIRECTORES

MANOEL DE MOURA E DANIEL D'ABREU JUNIOR

Colaborado por escriptores de merecimento

ASSIGNATURA

Anno..... 600

(Pagamento antes de ser publicado e segundo n.º)

Os primeiros 40 assignantes receberão como brinde, juntamente com o n.º 2, um exemplar da «Versão da Fabula de Narciso», poemeto de Luiz de Camões, devida á penna de Manoel de Moura.

O 1.º n.º sahirá muito breve.

Desde já se recebem assignaturas na redacção, rua do Vasco Gama, Foz do Douro e na rua do Loureiro n.º 58—Porto.

**EL SIGLO**

Jornal de modas e orgão dos grandes armazens d'este mesmo titulo.

Publica-se em Barcelona nos dias 10, 20 e 30 de cada mez.

Assignatura em Hespanha e Portugal por semestre 4 pesetas, e por anno 7, 50.

SERVICÓ MILITAR

**OBRIGATORIO E PESSOAL**

APPROVADO POR CARTA DE LEI DE 12 DE SETEMBRO DE 1887

COM AS TABELLAS DAS ISENÇÕES

PREÇO..... 400 REIS

Pelo correio francode porte

LIVRARIA ARCHIVO JURIDICO, de A. G. Vieira Paiva, Bomjardim, 67, Porto.

**NOVO ALMANACH PORTUENS E PARA 1888**

A' venda, no fim do mez, em todas as livrarias do Porto e provincias. Pedidos para a rua do Loureiro, 58—Porto.

**VIOLETAS**

Está no prelo este livro de sonetos de Manoel de Moura. O seu custo é de 400 réis. Pedidos á administração da «Gazeta Moderna».

**PHARMACIA E DROGARIA MEDICINAL**

DE

**FERREIRA & IRMÃO**

77, RUA DA BAINHARIA, 79 (3.ª casa acima da esquina da Ponte Nova)

PORTO

DROGAS MEDICINAES, PRODUCTOS CHIMICOS, PHARMACEUTICOS E PHOTOGRAPHICOS

Collecção completa dos granulos dosimetricos de Burggraevae, seidlitz Chanteand e outros productos comprados na casa do auctor. Fabrico de chocolates restaurantes e medicinaes. Especialidades annunciadas nos jornaes e todas aquellas até agora conhecidas na therapeutica. Vaccina ingleza, tinturas para o cabelo, copos de quassia. Extracto de carne de Liebig. Ferros e instrumentos cirurgicos, avulso e em em estojos para preço desde 35000 a 305000, podendo modificar se os estojos á vontade em quantidade de ferros e preço, caixas d'autopsia, amputações, uretrotomias molestias d'olhos, e para extrahir os dentes. Forceps, especuluns variados, aparelhos d'Esmarch, machinas e escovas electricas, larygoscopios, seringas para injeccões subcutaneas, thermometros clinicos, stetoscopios etc., etc. e estojos vasios. Aparelhos cirurgicos em geral como: algalias, velinhas de prata, estanho, gomma elastica, forma variada. Fundas direitas, esquerdas, de todos os systemas até hoje conhecidos, simples e duplas, para homem, mulher e creanças: ditas sem mola especiaes para creanças 2 mezes a 6 annos. Cintos elasticos para comprimir o ventre, ditos e fundas para rupturas no umbigo de creanças e adultos. Almofadas d'ar para doentes, tubos alimentadores para os ó mesmos. Meias elasticas de linho, algodão e seda, compé e sem pé até ao joelho, cxa e verilha, e em peças isoladas. Suspensorios para os escrotos, escados e esferas para foniculos; urinoes de diversas formas; bonets para gélo, passarios de forma variada e ventosas aspiradoras, etc., etc. Seringas de todos os systemas conhecidos, e borracha para injeccões e clysteres, da capacidade desde 12 a 1:000 grammas. Seringas e borrachas com canulas para lavatorios vaginaes. Puerisadores para pó e liquidos. Fios de linho; esponjas; ligaduras de tecido elastico; pinceis rectos e curvos articulados com esponja para a garganta. Mamadeiras e bombas para extrahir leite, ditas para collocar nos peitos, tetas e syphões de fórmias muito variadas. Tubos elasticos de diametro desde 1 millimetro a 12 centimetros; dito furado para esgoto de tumores, etc. Thermometros para o tempo e para banhos, areometros, alcoometros, densimetros pesa-mostos, barometros, microscopios, e lentes, almofarizes e capsulas de porcella, alampadas a alcool, retortas, balões tubos de vidro, frascos tubolados, provetas, copos graduados e aparelhos para limonadas gazozas.

Vendas por junto e a retalho

**CONTRA A DEBILIDADE**

Farinha peitoral ferruginosa da Pharmacia Franco em Belem

Precioso alimento reparador, excellente tonico reconstituente; esta farinha, a unica privilegiada e legalmente auctorizada, é muito agradavel e utilissima para falta de appetite, doencas de peito, para convalescentes, pessoas idosas, creanças, anemias, em geral para os debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade.

**VINHO NUTRITIVO DE CARNE**

Unico legalmente auctorizado, pelo governo, e pela junta de saude publica de Portugal, documentos legalizados pelo consul geral do Imp-rio do Brazil. É muito util na convalescência de todas as doencas; augmenta consideravelmente as forças aos individuos debilitados, e excita o appetite de um modo extraordinario. Um calice d'este vinho, representa um bom bife. Acha-se á venda na Pharmacia Franco, em Belem e nas principaes pharmacias.

**CONTRA A TOSSE**

XAROPE PEITORAL — JAMES

Unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, ensaiado e approved nos hospitaes. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelos consules do Brazil. Vende-se na Pharmacia Franco em Belem e nas principaes pharmacias.